

GEOVERSOS

Memórias e percepções
poéticas sobre a paisagem

ALEXANDRE DOS SANTOS SOUZA



GEOVERSOS:

Memórias e percepções poéticas
sobre a paisagem

Alexandre dos Santos Souza



editora**IFPB**

João Pessoa, 2026



4.0 Internacional

Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem possibilidade de alterá-la ou utilizá-la para fins comerciais.



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

REITORA

Mary Roberta Meira Marinho

PRÓ-REITORA DE PESQUISA INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa

PRÓ-REITOR DE ENSINO

Neilor Cesar dos Santos

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria José Batista Bezerra de Melo

PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Anna Clara Feliciano Mendonça

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Maria Cleidenedia Morais Oliveira

DIRETOR EXECUTIVO DA EDITORA IFPB

Carlos Danilo Miranda Regis

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Regina Anjos

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Christianne Maria da Silva Moura

IMAGENS

Acervo pessoal do autor (feito de desenho a lápis, produzido por IA)

REVISÃO TEXTUAL

Joseli Maria da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada na Editora IFPB por Valmira Perucchi CRB/15 – 240

S719g Souza, Alexandre dos Santos
Geoversos: memórias e percepções poéticas sobre a paisagem / Alexandre dos Santos Souza. – João Pessoa: Editora IFPB, 2026.

61 p.: il.

ISBN: 978-65-87572-97-0 (e-book)

1. Geografia e literatura. 2. Poesia brasileira. 3. Paisagem - percepção. 4. Paisagem - memória. 5. Paisagem da caatinga. 5. I. Título.

CDU: 911:82-1(81)

*Dedico a todas as
pessoas que anseiam
compreender
e cuidar da
natureza como
alicerce da vida.*

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, àqueles que, com seu proceder e dedicação, demonstraram que o conhecimento é uma construção ininterrupta e sem limites.

Meus sinceros agradecimentos, também, à professora Christianne Maria da Silva Moura, pela sensibilidade e talento com que criou a arte que ilustra a capa desta obra.

Por fim, agradeço ao Instituto Federal da Paraíba (IFPB), pelo acolhimento e apoio institucional, que foram essenciais para a concretização e a publicação acadêmica deste trabalho.

“Duas pessoas não
vêm a mesma
realidade. Nem
dois grupos sociais
fazem exatamente a
mesma avaliação do
meio ambiente.”

(Yi-Fu Tuan, 1980, p. 06)

Sumário

PREFÁCIO	9
1 MEMÓRIAS DO DESPERTAR POÉTICO	11
2 A POÉTICA DA PAISAGEM DA CAATINGA	18
Minhas memórias	18
O poeta e a paisagem	19
3 PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS POÉTICAS	25
A capelinha das pedras	25
Caminhos da Caatinga	26
Feições da Mata Branca	28
Um lugar do Agreste	30
Trilha sertaneja	31
A Natureza e eu	32
Cariri das esculturas	33
Pau Pereiro	35
Vista do Monte Tabor	36

Vista do Monte Tabor – Parte 2.	38
Um lugar no Sertão	39
O Juazeiro.	41
Estações	42
Forças da Natureza.	44
Pedra da Maravilha	46
Águas sertanejas.	48
O chão da Terra.	50
Depois da chuva	52
A vida.	53
4 A INSPIRAÇÃO ACABA?	55
As ondas e a falésia	57
5 REFERÊNCIAS.	59
SOBRE O AUTOR	60

Prefácio

Geografia é poesia

É cada vez maior o número de geógrafos que escrevem poemas. Imagino que sejam seres sensíveis à paisagem, que a entendem como forma, mas também como texto, como um pedaço de mundo que as ciências da Terra não dão conta de apreender por inteiro. O geógrafo interpreta a paisagem, mas o poeta a inventa. Poesia, afinal, é, sobretudo, criação.

Temos com isso, geógrafos criativos, a misturar ciência e arte, natureza e palavra, experiência e afeto. Assim, o espaço geográfico nos atravessa, toca, situa, arrebatada, inspira, sendo verdadeiramente transformado em nosso lar. Alexandre, neste livro, faz esse caminho e nos mostra que desde que nascemos e nos deparamos com nosso solo natal, já somos, de algum modo, geógrafos.

Não por acaso, geógrafos ou poetas, revelamos, naquilo que (d)escrevemos, as paisagens que nos envolvem. Basta lembrarmos-nos da poesia pantaneira de Manoel de Barros, da goiana de Cora Coralina, da mineira de Carlos Drummond de Andrade ou da cearense de Mailson Furtado, entre tantos outros exemplos de uma poesia profundamente geográfica.

Neste livro, tão geográfico quanto poético, emerge a paisagem do sertão, do agreste, da Paraíba e do Nordeste, feições de uma geografia ao mesmo tempo pessoal e universal, prenhe de nuances, andanças, causos,

aprendizados, imagens e lugares que, a partir da leitura, também passam a ser nossos.

O geógrafo Milton Santos estava certo ao afirmar, em entrevista, que o maior erro da Geografia foi tentar ser apenas ciência, em vez de ciência e arte. Alexandre compreendeu essa lição e, desse aprendizado, nasceu o livro que agora temos em mãos.

Tiago Vieira Cavalcante
Departamento de Geografia - UFC

1 Memórias do despertar poético

As primeiras memórias que nutriram o desejo e os enredos que constituem o corpo deste livro nasceram em minha adolescência, por volta de 1987. Foi nesse período, nos anos finais da educação básica, que me deparei com os seguintes versos do poema Retorno, de Silvino Olavo (1985, p. 7), gravados no *hall* de entrada da saudosa Escola Estadual Monsenhor José da Silva Coutinho, na cidade de Esperança, no Agreste Paraibano:

Revejo a terra onde vivi criança
Pé onde joguei meus jogos pueris –
A encantadora vila de Esperança,
Cuja recordação me faz feliz...

Meu castanheiro e sua sombra mansa,
Minha vivenda perto da Matriz,
Meus pais e meus irmãos (quanta lembrança!)
Minha menina – a que mais bem me quis...

Beiral de casas brancas e baixinhas,
Onde se agitam, quando a gente dorme,
Num festivo rumor, as andorinhas!

Ó vida boa de ócio ingênuo e lindo,
ao recordar-me, vem-me agora um enorme
desejo alegre de chorar sorrindo...

O testemunho poético de Silvino Olavo, meu conterrâneo, soou como um prenúncio e uma inspiração para um jovem que mirava horizontes além dos limites que o cercavam. Apesar de amar minha terra natal – lugar onde vi a luz do sol pela primeira vez, dei meus primeiros passos, descobri os sabores e amores, doces e amargos; onde sorri e chorei –, foi naquela Esperança, cenário das minhas primeiras experiências, que tive uma certeza: era necessário sair e conhecer novos horizontes.

Como um passarinho que se aquece e cresce sob os cuidados dos pais e um dia descobre que precisa voar, buscar sustento e espalhar sementes, deixei florescer o desejo de experimentar novos ares, águas e lugares. Levo comigo as marcas do lugar de tantas memórias afetivas, berço onde fui criado e nutrido pelos cuidados inefáveis de meus pais, Dona Edith e Seu José, e onde tantas vezes fui encantado pelas histórias e contos de minha avó Regina, mulher preta, neta sobrevivente de escravizados, que sempre trazia à tona a existência de seus antepassados, por meio de histórias, costumes e saberes empíricos, obtidos longe dos livros que lhes foram negados a vida inteira. Isso, no entanto, não a impediu de lutar, vencer e inspirar seus descendentes em caminhos de luta por cidadania e conhecimento, num mundo de desigualdades.

Entre tantas vicissitudes e incertezas sobre o futuro, mantive viva a chama de fazer da vida um ato de poesia e resiliência. A percepção do olhar, as (im)possibilidades de falar, os lugares por onde andei, a pessoa que fui me tornando – tudo isso foi desvelando o desejo de transformar

a existência humana em uma oportunidade poética. Nem sempre agradável, afinal, como seres vivos, sentimos dor, decepção, angústia, ira, erramos, somos derrubados... Ao mesmo tempo, a vida derrama sobre nós bálsamos de alegria, prazer, acertos, cura, restauração e sucesso. Em todos os casos, uma certeza: se a arte salva e liberta, façamos de nossa vida um ato poético, que inspire o cuidado com os seres e as coisas que, direta ou indiretamente, perto ou longe, habitam e configuram os espaços deste lugar chamado Terra.

Nessa perspectiva, busquei, por meio da tessitura das palavras, expressar sentimentos, sensações e percepções da vida, dos lugares, das paisagens e dos fatos que meus sentidos tiveram a oportunidade de ver, ouvir e sentir. As circunstâncias e oportunidades que a vida me concedeu permitiram materializá-las em versos que exprimem, de certa forma, um pouco das minhas memórias e da minha compreensão do mundo, neste caso particular, as percepções sobre os ambientes da Caatinga.

A forma como aprendi e apreendi no palco da vida reforçou a ideia de que as paisagens terrestres, sejam elas naturais ou humanizadas, podem ser descritas pela arte e pela poesia como resultado histórico de harmonias, desarmonias, caos, beleza e da possibilidade de cuidar daquilo que a complexidade da vida nos proporciona. Vislumbro na narrativa poética uma oportunidade pedagógica para exprimir saberes e conhecimentos.

Não pretendo, com esta abordagem particular, desconsiderar a necessidade de mensurar e planejar os espaços que resultam da relação entre sociedade e

natureza. Como geógrafo, fiz isso muitas vezes ao desenvolver trabalhos acadêmicos, com abordagens quali-quantitativas, de recortes espaciais predeterminados pelas normas que regem muitas áreas do conhecimento. Digo isso porque, durante minha formação, mesmo não me dedicando à Geografia humana, fenomenológica e literária, sempre considerei o caráter holístico do saber geográfico, que pode ser percebido desde as expressões intuitivas das sociedades ágrafas até o modelo contemporâneo sistematizado de conhecimento sobre o Espaço Geográfico, no qual cada elemento deve ser considerado como parte de um todo.

Assim, as percepções sobre o mundo me levaram à convicção de que a essência holística da Ciência Geográfica permite a formulação de concepções que não devem ser confinadas a regras rígidas. Se assim fosse, não seria ciência, mas apenas mais um dogma.

Dito isso, desejo que o relato das experiências e percepções da paisagem e da vida, apresentado neste livro, possa proporcionar ao leitor uma experiência agradável e a oportunidade de resgatar suas próprias memórias sobre os elementos das paisagens que abarcam o palco onde o homem, como ser social, pratica o teatro da vida, como prelecionou Jurandy Ross (2014).

Também não poderia deixar de registrar que os enredos deste livro brotaram da concepção íntima de que podemos, por meio dos nossos sentidos, saberes e conhecimentos, descrever os fenômenos espaciais não apenas pelo viés conceitual e pragmático. Tenho aprendido, ao longo da minha formação, que as diferentes correntes do pensamento

geográfico, clássico, moderno e contemporâneo são, de certa forma, um tipo de “mimetização” do pensamento que seus idealizadores desenvolveram como forma de explicar o meio e o mundo.

Sendo assim, busco expressar, por intermédio de versos e poesias, as particularidades que configuram o concreto e o abstrato dos espaços, das experiências humanas e da natureza. Para tanto, aglutinei as palavras “Geografia” e “versos” para formar o título do livro: *Geoversos: memórias e percepções poéticas sobre a paisagem*.

A capa da obra é parte do tributo à expressão artística pelo viés geográfico dos traços genuínos de arte em aquarela, elaborados pela Profa. Dra. Christiane Moura, do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A finalidade da obra será alcançada se ela conseguir inspirar pessoas – principalmente aquelas envolvidas em ações pedagógicas de ensino e aprendizagem em espaços escolares e não escolares –, por meio do resgate dos sentimentos de pertencimento, saberes e conhecimentos dos indivíduos acerca dos espaços cotidianos e dos conceitos utilizados para definir e caracterizar o meio natural e humano, os quais, imbricados ou não, dão origem às paisagens da Terra. Conforme reflete Manuel Fernandes (Sousa Neto, 2007), somos convidados a buscar caminhos para além daqueles instituídos como verdades a serem ensinadas e aprendidas.

Neste ponto, é fundamental saber e aprender a construir novos olhares, a partir de caminhos já existentes, considerando que estes podem ser aplainados, pavimentados e melhor sinalizados; ou, quem sabe, novos caminhos podem

ser abertos a partir dos saberes e do lugar social de cada indivíduo.

Neste primeiro ato, convido você, prezado(a) leitor(a), a viajar pelas percepções da geodiversidade da Caatinga brasileira, especialmente pelos lugares que meus sentidos tiveram o privilégio de experienciar e contemplar.

Na construção da narrativa deste livro, parto da ideia de que o exercício da poesia e da arte como recursos didáticos e metodológicos é útil para promover a pavimentação de trilhas de aprendizagem significativa nos circuitos de ensino. Além disso, a poesia também nos permite exprimir sentimentos e visões – sejam elas críticas, românticas ou estéticas –, sobre os lugares, as coisas e os indivíduos. Tenho consciência de que as ações necessárias para alcançar o que almejamos exigem o envolvimento e a articulação entre diferentes conhecimentos, saberes e habilidades, sejam eles empíricos ou teóricos.

Também é preciso contar com metodologias que possam ser aplicadas nas práxis educacionais, cujos objetivos buscam aproximar-se de propostas interdisciplinares que não se limitem ao apego ao tradicional, nem se deixem seduzir pelo perigo da dependência das tecnologias contemporâneas da informação. Essas tecnologias, embora criem meios de acesso e facilitem o conhecimento, muitas vezes suprimem, por meio de exercícios cognitivos orgânicos, a capacidade de criação e o protagonismo, faculdades essenciais ao desenvolvimento humano.

Nesta obra, busco unir conceitos geográficos à sensibilidade poética, resgatando o valor da experiência individual na construção do conhecimento espacial. Todas

as imagens são registros fotográficos autorais, adaptados por inteligência artificial (IA) gratuita, aplicando-se o seguinte *prompt* de comando: “Apresente esta imagem com traços artísticos semelhantes a um desenho manual feito a lápis preto em fundo branco”.

A Geografia Literária aqui proposta não se limita a descrever paisagens, mas a interpretá-las como palimpsestos de histórias, memórias e emoções que moldam a percepção do indivíduo sobre seu lugar no mundo.

Ao transcender o dado puramente técnico, a poesia se revela uma ferramenta epistemológica capaz de desvendar as camadas invisíveis que compõem o Espaço Geográfico, tornando-o mais humano, mais compreensível e, conseqüentemente, mais digno de cuidado.

Essa perspectiva logrará êxito, se contribuir com o pensamento que defende a importância de se cultivarem saberes e uma Ciência Geográfica mais próxima do ser humano e de suas vivências, rejeitando-se a frieza de uma análise meramente objetiva. Ao valorizar o olhar do sujeito, defendo que a compreensão de um lugar não se completa sem a apreensão das narrativas afetivas que o constituem.

O ato de escrever sobre a paisagem, portanto, é um ato de pertencimento, de reconhecimento das raízes e de manifestação de uma cidadania que se constrói na e com a Terra, por intermédio das relações sociedade-natureza. O resultado é uma jornada que convida o leitor a revisitar sua própria relação com o espaço, revelando o poeta que habita em cada um de nós.

2 A poética da paisagem da caatinga

A contemplação dos elementos que compõem a paisagem da Caatinga sempre foi um ato costumeiro para mim. Embora tenha nascido e sido criado na cidade, sempre transitei pelas veredas do Agreste e dos Sertões do Nordeste brasileiro, inicialmente, na companhia de meu pai, que rotineiramente me levava com meu irmão mais novo por exaustivas, porém prazerosas, caminhadas pelas trilhas pedregosas que davam em riachos, lagoas e represas, nas circunvizinhanças da zona rural de Esperança.

Essas lembranças sempre foram significativas e alicerçaram minha decisão de caminhar junto daqueles e daquelas que são norteados pela busca do conhecimento geográfico.

1. Minhas memórias

Entre subidas e descidas...
Vales e colinas...
Seguíamos os passos,
passos firmes e apressados,
ouvindo relatos e histórias,
contos e estórias,
narradas pelo nosso pai.

Seixos e pedregulhos
que apanhávamos pelo chão
para atirar no tiziu,
ave que, por sorte,
nosso intento nunca atingiu.

No tempo seco da mata branca,
resistia firme por onde passávamos:
o xique-xique, o mandacaru e a macambira.
E quando a chuva molhava a terra,
e nela a relva florescia,
era tempo de renovo e magia...
“Fecha a porta, malícia; teu pai morreu e sua mãe foi pra missa.”

Geoversos é um testemunho de que a ciência e a arte não são opostas, mas são ferramentas complementares para a compreensão do nosso mundo. A Geografia aqui proposta é humana, tátil e nos ensina que o ato de contemplar um lugar é um ato de pertencimento e de manifestação de uma cidadania que se constrói na e com a Terra.

2. O poeta e a paisagem

Fitos em ti,
estão meus sentidos.
Tuas formas e cores,
contrastes, aromas e sabores.

Enquanto existir a paisagem,
existirá inspiração.
Enquanto houver inspiração,
haverá poesia.

Enquanto houver um poeta,
existirá pela arte:
palavras e armas,
caminhos de salvação.

A arte é melodia...
A arte é cor, tom e sabor.
A arte salva, liberta!
É o instrumento do trovador.

A paisagem é um testemunho...
Testemunho de tantos fatos,
atos que se dão no tempo
e vão modelando o espaço.

É na paisagem, palco da vida,
que vejo impressos os traços
dos fenômenos que revelam o espaço,
das faces dessa aquarela infinita.

As memórias e experiências acumuladas desde a minha tenra idade foram abrindo caminhos para vivências que se tornaram significativas, aguçando meu interesse em construir noções de valorização da diversidade que configura o Semiárido brasileiro.

Um fato marcante ocorreu durante uma aula de campo na graduação. Eu e um pequeno grupo de colegas fomos levados pelo saudoso Paulo Rosa – professor do Departamento de Geociências da UFPB – para uma região do Curimataú paraibano.

Naquela manhã, após caminhar entre arbustos, árvores distintas e cactáceas, recebemos a seguinte orientação do professor: “Parem um pouco; fechem os olhos; respirem calmamente; ouçam os sons da paisagem; sintam os aromas, a direção do vento, o calor do sol; percebam a paisagem através dos sentidos...”.

Devo confessar que aquela recomendação me pareceu inicialmente supérflua. Pensei comigo mesmo: “Qual o sentido de fecharmos os olhos no meio do mato?” Após alguns instantes, algo surpreendente começou a acontecer. De olhos fechados, os sons se multiplicaram como uma harmoniosa sinfonia: muitos pássaros cantavam e os insetos voavam aleatoriamente, zumbindo como instrumentos de sopro e percussão; o vento carregava as folhas secas pelo chão e balançava os galhos flexuosos das árvores e arbustos; o cheiro das flores, da terra seca... Naquele instante, uma aquarela ocupou os lugares opacos que ofuscavam a minha percepção da paisagem, até então limitada apenas às coisas que os olhos alcançam.

Tal experiência, aparentemente simples, abriu janelas e produziu sensações novas, para além daquilo que a visão pode alcançar. Comecei, a partir daquela experiência, a entender quanto a paisagem é dinâmica e deve ser compreendida e apreendida não apenas pelo pragmatismo

cartesiano e/ou euclidiano das burocráticas caracterizações técnico-metodológicas destinadas às formas de uso e ocupação da lógica capitalista de produção e exploração do espaço.

Neste sentido, o exercício da visão holística para o fortalecimento das relações entre sociedade e natureza torna-se importante para que, pela percepção dos nossos sentidos, possamos nutrir laços de cuidado, valores e afetos com os elementos do espaço onde e com os quais contracenamos. Afinal, nós somos parte dos lugares da Terra, e a Terra é o nosso lugar.

Outro gatilho importante que estimulou ainda mais o intento de descrever, na forma de poesias, os elementos da paisagem da Caatinga ocorreu quando, já na condição de professor, acompanhei um grupo de alunos numa aula de campo no Lajedo do Pai Mateus, no município de Cabaceiras-PB.

Naquela tarde de outono de 2017, ao chegarmos ao local, fomos recepcionados por um guia que, durante sua apresentação, fez uma afirmação emblemática que carrego comigo até hoje. Ele disse que, enquanto a neve em pontos turísticos é apresentada como algo agradável, belo e bom, ela, na verdade, pode matar. O guia argumentou que, no Brasil, a Caatinga tem sido retratada como um lugar de escassez e morte, mas que isso era um engano e que o bioma é, na verdade, um lugar de oportunidades e de vida que precisa ser valorizado.

IMAGEM 1

Registro imagético de uma aula de campo Lajedo do Pai Mateus, Cabaceiras – PB (2017)



O somatório de tantas memórias e experiências, desde as andanças da infância até a práxis acadêmica e profissional – na condição de professor, pesquisador e contemplador –, reforçou um espírito autotélico, a partir do qual passei a observar, descrever e ensinar sobre as riquezas e os dilemas das paisagens terrestres. Para tanto, entendo ser relevante, para quem contempla e estuda a paisagem, que ações e exercícios de percepção empírica, registros fotográficos, anotações em cadernetas com relatos de campo (textuais e desenhos esquemáticos), entre outros, contribuem para a valorização e o reconhecimento das formas naturais, culturais, terminologias e toponímias acerca dos elementos que constituem a paisagem.

Duas obras foram fundamentais para evolução das tessituras apresentadas nos Geoversos: *Topofilia* (Tuan, 1980), na medida em que apresenta como cada ser desenvolve sua percepção, a partir das singularidades e peculiaridades, e pela forma como o ambiente natural e a visão do mundo estão imbricados; e *Geografia literária em Rachel de Queiroz* (Cavalcanti, 2019) que destaca a possibilidade de cada indivíduo saber expressar, dentro de seu espaço histórico-cultural, vivências, lembranças e aspirações humanas. Sobretudo pelo fato de que considerando a possibilidade de interdisciplinaridade e transversalidade, a produção literária pode ser nutrida por meio dos conhecimentos acumulados e saberes aprendidos.

As ações descritas anteriormente têm caráter pedagógico, pois, por meio delas, o observador pode elencar elementos presentes, aspectos tangíveis e intangíveis, pesquisar, conceituar e organizar a paisagem por meio da diversificação de vocábulos, conceitos, enredos e narrativas poéticas. É nessa perspectiva que vos apresento, neste primeiro ato, minhas percepções poéticas sobre a Caatinga.

3 Percepções e memórias poéticas

IMAGEM 2 **A capelinha das pedras**



No Agreste onde nasci,
na cidade onde cresci,
dos mais velhos sempre ouvi
que no cume do lajedo das pedras,
por causa de uma promessa,
foi erguida a pequena capelinha.

Capelinha das pedras,
sentinela da cidade de Esperança,
símbolo da fé e da esperança,
obelisco precioso, tão marcante
rugosidade do meu tempo de criança.

Lajedo, lavado, esculpido,
domo rochoso pela água dissolvido.
Lajedo onde moravam e bebiam
os índios Banabuyés da água fria.
Lajedo que todos chamam Araçá,
lá do teu alto vejo o sol deitar e levantar.



IMAGEM 3 **Caminhos da Caatinga**



Eis as veredas sertanejas,
com suas plantas resilientes:
caducifólias, arbóreas e arbustivas,
suas rupícolas e cactáceas,
Crescendo nos paredões e lajedos.
A vida se faz presente aqui.

Escute o som da natureza:
há vida por todos os lugares,
no caminho dos insetos,
no rastro das serpentes e lagartos,
nas pegadas deixadas pela seriema,
no voo rasante do oportunista carcará.

Eis, nas veredas sertanejas,
as árvores que deixam cair suas folhas
e que, no tempo breve das chuvas,
florescem como um belo jardim.

Eis a vereda da Caatinga,
da Caatinga nordestina.
Eis o jardim das macambiras,
o jardim das xerófitas,
que brotam resilientes
como valentes nos lajedos do sertão.



IMAGEM 4 **Feições da Mata Branca**



O sol que reina reluzente,
e no espelho d'água reflete,
brilhando no céu sempre a raiar,
entre os cúmulos suspensos no ar.

Quando chove no chão do Agreste,
Mandacaru, jurema, facheiro, tudo floresce,
fincados no solo delgado,
onde arbustos e capins rasteiros
escondem seixos e cascalhos.

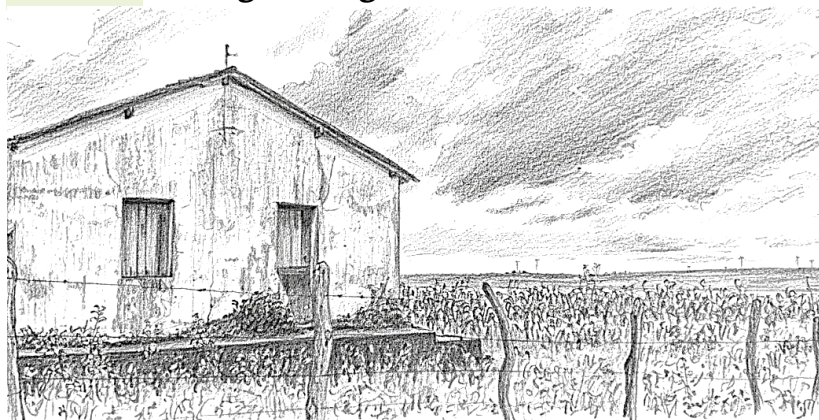
No chão da mata branca,
o capim verde delinea o vale,
bordejando o leito do riacho,
manancial que alivia o calor.

Caatinga, mata branca,
que verdeja no inverno,
seus arbustos e arvoredos.
Paisagem onde o forte faz vereda,
lugar de tanta beleza e vida.

Jardim de tantas cactáceas,
onde crescem as bromeliáceas,
vejo flores a desabrochar
que as abelhas vêm beijar.
E ao som dos passarinhos
que cantam e fazem seus ninhos,
eu encontro o meu lugar.



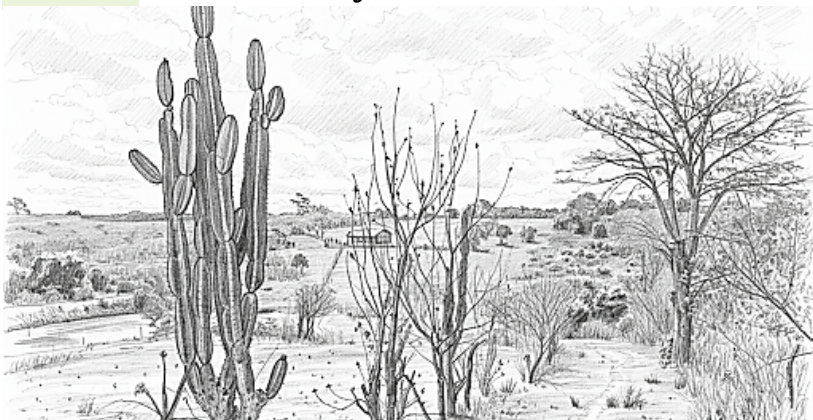
IMAGEM 5 **Um lugar do Agreste**



Naquela casa vazia,
no alto daquela colina,
das janelas laterais,
alguém viu um dia
o esplendoroso sol
que pelas manhãs nascia.

Do alto daquela colina,
sentado debaixo da soleira da porta
daquela casa solitária,
alguém de olhos fitos no ocaso
aguardava a noite que chegaria.
No topo daquela colina,
o tom da paisagem ainda fascina.
O vento frio assovia,
o sol passeia no dia,
e à noite a lua vem desfilar.

IMAGEM 6 **Trilha sertaneja**



Pelas trilhas sertanejas,
se erguem as torres do Mandacaru.
Flexuosa jurema abre seus galhos,
cercas farpadas presas ao mulungu.
Cariri do sol e do céu,
onde voa o anu, arribaçãs e o xexéu.
Quer seja inverno ou verão,
existe vida em qualquer estação.
Nas tuas trilhas, sinto a força;
nos teus caminhos, contemplo a grandeza
de tudo o que se revela
do seio da tua Natureza.

IMAGEM 7 **A Natureza e eu**



Rios que começam no céu:
águas que flutuam com plumas,
no pano de fundo parece um véu,
que precipitam na terra,
sobre os seres viventes.

Rios de fluxo perene,
às vezes de leito intermitente,
perto de ti sempre há vidas
buscando saciar a sede.
Nas artérias por onde fluem
as águas que correm nos rios,
um ser que contempla
e que, de tanto caminhar
por seixos que seguem a rolar,
decidiu sentar numa rocha

e daí desfrutar enquanto contempla:
o sol e a sombra,
as sinfonias das folhas
que caducam e caem dos galhos
das árvores e dos arbustos...
Eis então: a natureza e eu.



IMAGEM 8 **Cariri das esculturas**



Batólito aflorado,
no pediplano do sertão.
Grandes rochedos boleados,
granito acebolado, matacão.

Lajedo ígneo denudado,
modelado por esfoliação...
Geossítio dos blocos fraturados,
sacas de lã empilhadas no chão.

Achei lá em Cabaceiras,
joia rara do Cariri,
onde afloram xerófitas
e a chuva demora a cair.
Nessa Caatinga ardente,
a macambira cresce contente
e o xique-xique prospera
nos lugares onde menos se espera.

Lajedo do Pai Mateus...
Paisagem igual nunca vi.
No capacete de pedra,
rupícolas e rupestres também vi.

É nesse lugar de magia
onde o sol queima de dia
e à noite a lua alumia
espaço de história, cultura e magia.



IMAGEM 9 **Pau Pereiro**



Agropedia brasiliis,
o pé de Pereiro.
Arbórea da casca grossa,
que quando bebe da água da chuva,
abre sua copa frondosa!

E nos meses da seca,
que chupa a água do chão,
aponta seus galhos para o céu,
se deixando enfeitar
de um fruto castanho cor de mel.

Na ponta dos galhos do Pereiro,
frutos abrem suas asas
como se fossem borboletas douradas
para espalhar suas sementes aladas,
enquanto esperam as chuvas
do inverno breve e ligeiro chegar.

Pé de Pereiro, valente guerreiro,
Pé de Pereiro, sabor amargo e curandeiro.
Pé de pau Pereiro que vive junto à jurema,
companheiro do xique-xique e do Mandacaru.
Pé de Pereiro, poleiro do anu,
Pé de Pereiro, terreiro da seriema,
sombra onde descansam o mocó e o teiú.



IMAGEM 10

Vista do Monte Tabor



Na superfície aplainada,
em um lugar lá dos Sertões,
onde resistem imponentes,
como sentinelas da paisagem,
inselbergs, morros e serras...
Chegam a parecer miragem.

Olhos contemplam fascinados,
lá do mirante do monte Tabor,
onde Francisco, pela fé,
pensou os seus primeiros atos
para erguer sobre estas rochas,
por onde o rio Agon escoia perene,
a esplendorosa Catolé do Rocha.

A capelinha solitária...
A imponente cruz sagrada...
lá no alto do rochedo.
O sol que brilha fulgurante,
aqui não é um figurante...
brilhando sempre e constante,
neste cenário deslumbrante.
Desde o levante ao ocaso...
Olhando para todos os lados,
vê-se paisagem colorida:
ora cinzenta e ressequida,
mas que com a força desse povo,
sua cultura e sua fé,
tem sido, nesse sertão setentrional,
um lugar singular,
uma paisagem sem igual.



IMAGEM 11 **Vista do Monte Tabor – Parte 2**



Permita-se contemplar o todo, em tudo.
Perceba, a arte do bordado do mundo...
Os contornos agudos das serras,
as nuvens sombreando a terra.

Contemple a planura suave dos vales...
os córregos, as casas e os lugares...
Aquarela de tantas cores...
Árvores, gramíneas e flores,
o manto de arbustos sobre os montes.

Perceba a robustez dos cactos,
a graça dos polinizadores,
besouros e abelhas beijando as flores.
Lagartos, velozes nos lajedos,
percepções que nos trazem apego.
Aqui e ali, pessoas que vão e que vêm...

Desejam, lutam, realizam...
Erguem, juntam e espalham.
E do alto do monte: cá estou eu, inebriado
pelos contornos dessa obra inacabada,
contemplando o todo em tudo...
a arte do bordado no mundo.



IMAGEM 12 **Um lugar no Sertão**



O céu azul reluzente,
o sol está sempre ardente.
No céu, nuvens vagueiam,
no chão, folhas secas passeiam.

Cerca farpada que a terra rodeia,
do lugar que a serra margeia.
Galhos secos que riscam o céu,
capim seco da cor do mel.

Casa erguida no chão ressequido,
abrigo de um povo aguerrido.
Paisagem que tanto encanta,
lugar que tem esperança.

Sertão de calor feroz...
Sertão que parece atroz...
Sertão que inspira canções...
Sertão que desperta paixões.

O sertão é um lugar singular,
bela paisagem para se admirar,
território de tanta riqueza,
região repleta de rara beleza.



IMAGEM 13

O Juazeiro



Frondosa sentinela
que resiste à sequeidão,
arbórea perenifólia do sertão
cujas raízes se fincam bem fundo
para buscar água debaixo do chão.

Capim seco dançando ao vento,
arraigado no solo do pediplano,
cabeleiras de lâminas ressequidas,
gramíneas resilientes das Caatingas.

Juazeiro, sentinela
de folhas levemente coriáceas,
verde intenso e ovais.
Como é doce o fruto do juá,
galhos de casca grossa espinhenta
e folhas verdes ovais.

IMAGEM 14 **Estações**



Se as flores não caem,
os frutos não crescem.
Se o fruto não amadurecer,
novas sementes não poderão florescer.

Se o sol não sequestrar as águas,
como se formará a chuva,
que precipita e rega a terra?
Nem toda primavera é florida...
Nem todo verão é tórrido...
Nem todo outono é mirrado...
Nem todo inverno é seco e gélido.

Folhas e pétalas num tempo caem;
noutro, brotam e florescem,
cada ciclo com seu tom,
suas cores, cheiros e sons.



IMAGEM 15 **Forças da Natureza**



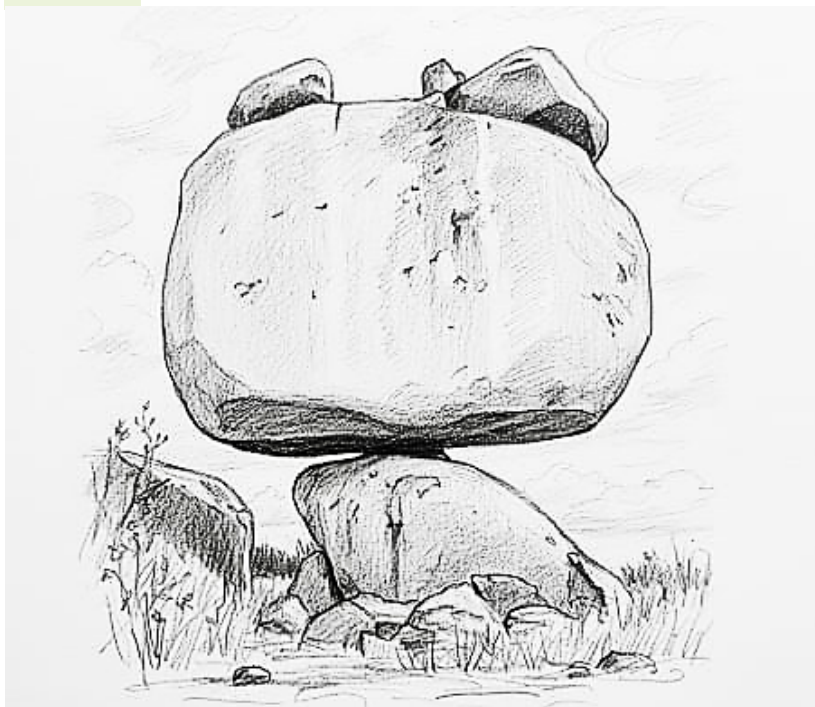
Passarinho que virou pássaro e voou...
gotícula que se desprendeu
e da nuvem precipitou.
Raio e trovão que o céu rasgou...
Força da Natureza,
que de mim se apoderou.

Som que nasce dourado no alvorecer...
Luz do luar que brilha ao anoitecer...
Vento que cruza as chãs
e corre veloz pelo sopé dos morros.
Flores perfumadas que atraem o beija-flor.
Marcas de pegadas deixadas no chão...

O todo incompleto, tão cheio...
Força transbordante buscando se completar.
Águas que evaporam,
precipitam, infiltram e escoam.
Terra fértil, berço de tantas sementes.
Presença que nunca se afasta,
mesmo quando parece não estar,
és tu, Natureza.



IMAGEM 16 **Pedra da Maravilha**



Em algum lugar da paisagem sertaneja
onde o sol é forte e reluz,
passando por uma trilha
de Belém do Brejo do Cruz,
vejo uma maravilha ao longe:
um capricho geológico.
Chega a parecer magia,
brincadeira de um gigante
que resolveu equilibrar umas pedrinhas.

Um geógrafo viajante
resolveu o enigma decifrar:
era um afloramento granítico
que começou a fraturar.
Depois, o calor do sol e a chuva
esculpiram tudo, até a Pedra da Maravilha se formar.

Pelas planuras dos sertões
ou no topo e escarpas das serras,
sempre é possível contemplar
outras geoformas rochosas e belas;
é a geomorfologia desfilando arte
pelos lugares do sertão.



IMAGEM 17 **Águas sertanejas**



Seja o rio perene
Ou até mesmo intermitente,
Pode ter leito arenoso
Ou até mesmo ser rochoso.
por onde o rio vier a passar,
Tudo, ele vai transformar.

Não importa a largura
Nem tampouco a extensão.
Pode ser rio, córrego ou riacho,
Mas quando deixa rastro,
O renovo sempre vem.

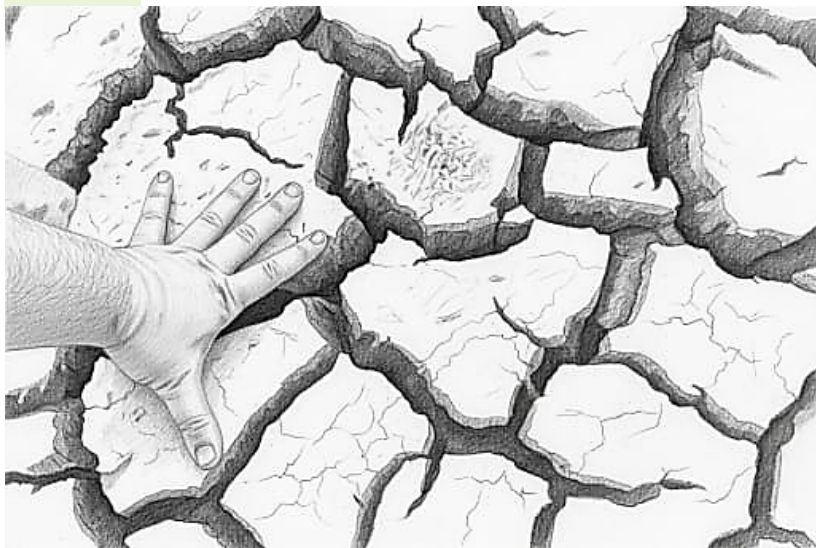
E quando o rio enche o lago,
O açude, a várzea e o barreiro,
Sapo procria e a rã gorjeia,
Traíra se desprende da lama ressequida,
Junco cresce e dança ao vento.

Cantam, Juriti, casaca-de-couro e sabiá,
Papa-capim, bem-te-vi e asa-branca,
Beija-flor e Papa-formiga-do-sincorá.
Por onde a água chegar,
Sinfonia de vida surgirá.

Sertanejo ara a terra
Para muitas sementes plantar
E quando a roça brota e cresce,
Fartura e partilha irão no sertão vicejar.



IMAGEM 18 **O chão da Terra**



Do precioso chão da Mãe Terra
tudo se fez e se faz!
É sob o valioso solo desta terra
onde a boa semente se deita,
que nasce, floresce, cresce e frutifica,
e o sertanejo firme caminha.

Sobre o palco desse solo
que recobre a face da Terra,
por onde a humanidade percorre,
vejo as marcas e os marcos
das pessoas que se juntam
e daquelas que se espalham.

No tablado do chão desta terra,
Alguns se alegram, e outros choram.
E depois de tudo o que fazem,
das coisas que deixam para trás,
Olhos se fecham, outros se abrem.
Não há como resistir!
Pois tudo e todos que vierem a existir
ao pó hão de voltar!
Pois da Terra são e sempre serão.



IMAGEM 19 **Depois da chuva**



Vai chover,
os campos vão enverdecer.
Arbustos e árvores irão florescer,
os vales transbordarão.

Cúmulus-nimbus avançam,
escondem o sol escaldante.
Ventos anunciam o som dos trovões,
raios rasgam o horizonte.
Não te assombres.

A força e a essência da natureza
jamais serão sufocadas.
Nos campos, flores florescerão.
Frutos encherão galhos outrora minguados.

A natureza fascina o nosso ser,
pois depois da tempestade,
tudo irá renascer.



IMAGEM 20 **A vida**



Antes, tudo era uniforme...
Um coração que pulsava,
preso por um cordão.
Depois, veio a luz,
e com ela muita euforia.

Fome e desejos,
vento e ventania.
Guerras e o desejo constante de paz.

O tempo, passando...
deixando e levando,
escrevendo e apagando,
folhas caindo e outras brotando.

Pétalas se abrindo e caindo.
Frutos que caíram no chão,
frutos que foram colhidos,
frutos partilhados, outros roubados.
E assim se dá cada estação:
primavera e verão,
outono e inverno.
E assim é a vida:
nascer, experienciar e morrer.
Abraça-a e deixe-a acontecer.



4 A inspiração acaba?

Obviamente que não! Os elementos literários que expus até aqui jamais abarcariam a totalidade da paisagem da Caatinga. O que está posto representa um singelo gesto de alguém que tem aprendido que a observação contemplativa e a busca pelo imbricamento dos saberes sobre os elementos que constituem o Espaço Geográfico devem partir de um profundo sentimento de pertencimento e (re)conhecimento sobre a essência do ser e do sentido das coisas.

O Semiárido brasileiro, berço da Caatinga, abrange áreas de nove estados da região Nordeste e um trecho do norte de Minas Gerais, correspondendo a 12% do território nacional.

Ao contrário do que muitos pensam, a ideia de escassez comumente apregoada não retrata a real magnitude da riqueza natural, social, cultural e econômica. A geodiversidade e a biocapacidade das paisagens da Caatinga são resultado de milhões de anos de processos evolutivos que ocorreram e continuarão a ocorrer.

Atualmente, quando se discute o papel dos seres humanos neste cenário de desequilíbrio nas relações entre a sociedade e a natureza, não apenas como agentes transformadores do meio mas também como exploradores e consumidores dos recursos naturais, cabe encontrarmos caminhos pedagógicos para compreender que a natureza nos ensina e nos sustenta.

Dito isto, convido você a escrever novos Geoversos. Vamos fazer das nossas percepções sobre os lugares do mundo e da

vida atos de poesia. Será uma jornada prazerosa, de muitas descobertas, de (des)construção e criação. Será um (re)encontro com saberes e conhecimentos que estreitarão nosso entendimento sobre o que somos, onde estamos, como sentimos e produzimos memórias significativas sobre os fatos que se desenrolam no palco da vida.

Vamos começar? Onde você estiver, se puder, feche os olhos; respire calmamente; ouça... perceba os sons da paisagem; sinta os aromas, a direção do vento. Permita que sua pele seja um canal sensorial que outros sentidos não abarcam. Frio e calor podem ser, dependendo do contexto, comuns a todos; todavia, dor, fome, tristeza, entre outros, dependem da condição e do estado do ser e estar de cada indivíduo.

Abra seus olhos, busque os elementos, objetos, sentimentos, intenções e conexões que constituem o material e o imaterial: tudo aquilo que está visível e invisível aos olhos. Anote tudo, rabisque, fotografe, correlacione. Feito isso, entra em cena o seu eu, o íntimo de suas experiências adquiridas antes, durante e depois da observação. Lembre-se sempre de que seu exercício de percepção da paisagem já é, por si só, uma arte, logo, poesia. A métrica e a rima para aprendizes como eu são livres, e isso também é poético.

E para não dizer que eu não falei do mar, uma paisagem pela qual tenho apreço profundo, ouvi um dia as ondas conversando com as falésias dizendo:

IMAGEM 21 **As ondas e a falésia**



Não fui eu que te esculpi?
Desmanchei e refiz a tua base,
para retirar de ti
o que é vital para mim?

Sem meus golpes, tu não és,
e sem ti sou apenas uma vaga
que se esvai nas planuras praias.

Este embate feroz
que existe entre nós
lixivia, desprende, solapa,
esculpe, desnuda e escarpa.

Sol e sal, mar e areia,
paredes caóticas fascinantes,
barreiras coloridas, mirantes,
sulcos, ravinas nas falésias,
ondas ferozes vagueiam.

O restante dessa prosa ficará para outro nascer ou pôr do sol. Vamos juntos, “Geoversistas”, fazer dos atos da vida Geoversos.

5 Referências

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

OLAVO, Silvino. **Cysnes/Sombra Iluminada**. In: CARDOSO, Roberto. Pequena Biografia do Poeta Silvino Olavo. 2. ed. Campina Grande: Epgraf, 1985.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. **Geomorfologia: ambiente e planejamento**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de geografia e algumas crônicas**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

Sobre o Autor

Alexandre dos Santos Souza

Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/PPGG) e professor no Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Com vasta experiência em Geografia Física, Geociências e Geomorfologia, o autor une o rigor do pesquisador à sensibilidade do poeta em GeoVersos. Atuando na linha de Gestão Territorial e Análise Geoambiental, Alexandre Souza transpõe os limites dos dados técnicos para interpretar a paisagem como um “palimpsesto” de histórias, memórias e emoções. Entusiasta do Ensino de Geografia, utiliza GeoVersos para propor um diálogo entre o saber acadêmico e a experiência sensorial, onde a ciência e a arte são ferramentas complementares que, juntas, permitem uma compreensão mais humana e profunda das riquezas e dilemas da paisagem. Apresenta uma Geografia Literária capaz de desvendar as camadas invisíveis do Espaço Geográfico, transformando a observação científica em um ato de pertencimento e cuidado com a Terra.



A obra *“Geoversos: memórias e percepções poéticas sobre a paisagem”* estabelece um diálogo entre o rigor da ciência geográfica e a liberdade da expressão poética. O livro introduz o neologismo *“Geoversos”* para definir a fusão entre o saber acadêmico e a percepção subjetiva do espaço, com foco nas paisagens da Caatinga e do Semiárido nordestino.

A narrativa é construída com base em memórias afetivas enraizadas no Agreste Paraibano, especificamente na cidade de Esperança, onde influências literárias e histórias ancestrais moldaram o entendimento do geógrafo e poeta a partir de experiências e vivências expressas de forma muito particular sobre a paisagem. A obra propõe uma Geografia Literária que transcende a análise puramente técnica e objetiva, defendendo que a compreensão plena de um lugar exige a apreensão das narrativas afetivas que o constituem.

Por meio de uma abordagem holística e fenomenológica, incentiva-se o leitor a utilizar todos os sentidos para perceber a sinfonia da natureza - do aroma da terra seca ao som do vento nos galhos -, transformando elementos como o juazeiro e os lajedos do Cariri em símbolos vivos de resistência.

Além de seu valor literário, o livro assume um caráter pedagógico, funcionando como uma proposta metodológica para o ensino e aprendizagem da Geografia. O intuito é resgatar os sentimentos de pertencimento e a topofilia, combatendo preconceitos de escassez frequentemente associados ao Semiárido e revelando sua real magnitude social e natural.

A experiência estética é complementada por registros fotográficos autorais, adaptados por inteligência artificial para assumirem traços de desenho manual, unindo tecnologia e arte. *Geoversos* configura-se como um convite para que cada indivíduo descubra que o olhar geográfico e a contemplação criam possibilidades de unir a ciência à arte, reconectando o ser humano à Terra, alicerce essencial da vida.



editora **IFPB**